

# Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA



Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

## Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte  
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



# Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA



Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

## Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte  
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



Organização



Apoio



## **42º COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE (2022)**

**PRESIDÊNCIA DE HONRA (*in memoriam*)** – Walter Zanini

### **DIRETORIA DO CBHA (2023-2025)**

Presidente - Vera Maria Pugliese de Castro (UnB/CBHA)  
Vice-presidente - Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)  
Secretário - Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)  
Tesoureira - Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)

### **DIRETORIA DO CBHA (2020 - 2022)**

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)  
Vice-Presidente - Neiva Maria Fonseca Bohns (UFPEL/CBHA)  
Secretária - Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)  
Tesoureiro - Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)

### **COMISSÃO ORGANIZADORA DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022**

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)  
Angela Brandão (UNIFESP/CBHA)  
Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)  
Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)  
Fernanda Pequeno (UERJ/CBHA)  
Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)  
Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)  
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)  
Sheila Cabo Geraldo (UERJ/CBHA)

### **COMITÊ CIENTÍFICO DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022**

Elisa Souza Martinez (UnB/CBHA)  
Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/CBHA)  
Maria Inez Turazzi (IBRAM/CBHA)  
Paulo Knauss de Mendonça (UFF/CBHA)  
Rita Lages (UFMG/CBHA)

### **COMISSÃO ORGANIZADORA DO PRÊMIO CBHA DE TESES/ 2022**

Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)  
Dária Jaremtchuk (USP/CBHA)  
Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP/CBHA)  
Paula Ramos (UFRGS/CBHA)  
Vera Beatriz Siqueira (UERJ/CBHA)

### **COMISSÃO ORGANIZADORA DOS ANAIS DO 42º COLÓQUIO DO CBHA**

Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)  
Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)  
Fernanda Pequeno da Silva (UERJ/CBHA)  
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

**IMAGEM:** Aline Motta, (*Outros Fundamentos*, 2017-2019).

**DIAGRAMAÇÃO:** Thaís Franco

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (42: 2022)

Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte - Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA, Rio de Janeiro, 7-12 nov. 2022. (Organizadores: Vera Marisa Pugliese de Castro, Eduardo Ferreira Veras, Ivair Junior Reinaldim, Daniela Pinheiro Machado Kern, Fernanda Pequeno da Silva e Rogéria Moreira de Ipanema. Porto Alegre: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2023 [2022].

Vários autores

1367 p. 21x29,7 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.42>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 42º do Colóquio do CBHA.

CDD: 709.81

Os textos dos artigos e as imagens reproduzidas nesta publicação são de responsabilidade dos respectivos autores.

Comitê Brasileiro de História da Arte (filiação ao *Comité Internationale de Histoire de l'Art*).

<http://www.cbha.art.br/index.html>

e-mail: [cbha.secretaria@gmail.com](mailto:cbha.secretaria@gmail.com)

# Representações da poética negra feminista na arte

Dinah de Oliveira, Universidade Federal do Rio de Janeiro/  
<https://orcid.org/0000-0001-8503-7299>  
dinahcesare@eba.ufrj.br

## Resumo

Denise Ferreira da Silva singulariza em *A dívida impagável* (2019), que esta é instrumento central de operação da poética negra feminista na mira das estruturas do pensamento moderno como os descritores de eficácia e formalidade, assim como os pilares ontológicos e epistemológicos da determinabilidade, separabilidade e sequencialidade. Neste sentido, a dívida impagável é composta na atribuição de descrever como o par colonialidade-racialidade se mantém efetivo no capitalismo global contemporâneo. Partimos desta problemática para produzir uma leitura de trabalhos artísticos como práxis estruturante de outras epistemologias.

Palavras-chave: Denise Ferreira da Silva. Arte Contemporânea. Poética Negra Feminista. Decolonialidade. Metodologia da Pesquisa.

## Abstract

Denise Ferreira da Silva singles out in *The Unpayable Debt* (2019), that this is the central operating instrument of black feminist poetics in the sights of the structures of modern thought such as the descriptors of effectiveness and formality, as well as the ontological and epistemological pillars of determinability, separability and sequentiality. In this sense, the unpayable debt is compounded by the attribution of describing how the pair coloniality-raciality remains effective in contemporary global capitalism. We depart from this problematic to produce a reading of artistic works as a structuring praxis of other epistemologies.

**Keywords:** Denise Ferreira da Silva. Contemporary Art. Black Feminist Poetics. Decoloniality. Research Methodology.

## Recusar é nadar em águas de permeio

A arte é, assim, uma dádiva e uma oferenda.

Leda Maria Martins (2021)

Acordamos todos os dias inseridas em um debate cercado por fantasmas coloniais com suas ferramentas de análise e processos de conhecimento. O presente texto pretende ser uma exígua colaboração de dentro de tal debate, apoiado pelo exame e criação de práticas pedagógicas que se colocam na tarefa de estabelecer contato com epistemologias não consolidadas pelo pensamento pós-iluminista. Estou convencida de que esta questão (ou luta) é aquilo que sustenta minha investigação acadêmica. A referência mais fundamental da pesquisa parte do estudo da obra de Denise Ferreira da Silva, desde *A Dívida impagável* (2019a), atravessando ainda o ensaio “Em estado bruto” (2019b) até alcançar algumas ideias presentes no mais recentemente traduzido para o português, *Homo modernus: para uma ideia global de raça* (2022). Temos sempre muitas perguntas junto/e mais ainda com uma obra do porte da de Denise, mas fazendo um esforço para falar de um lugar situado, eu diria que a pergunta substancial aqui se dirige ao arsenal simbólico-político constituído como estética e suas ferramentas de análise. Nos interessa pensar para quem a noção de estética está voltada na modernidade, ou mais ainda, quais são as bases que instituem a estética como disciplina permeável ao ensino em artes visuais.

Denise Ferreira da Silva singularia em *A dívida impagável*, que esta é instrumento central de operação da poética negra feminista na mira das estruturas do pensamento moderno como os descritores de eficácia e formalidade, assim como os pilares ontológicos e epistemológicos da determinabilidade, separabilidade e sequencialidade (SILVA, 2019a). Dito ainda de outro modo, a poética negra feminista enfrenta a matéria mesma das complexas exclusões e oclusões que gerenciam a máquina moderna de expropriação dos “outros da Europa” (SILVA, 2022, p.90). Neste sentido, mais do que um tema, a dívida impagável é composta na atribuição de descrever como o par colonialidade-racialidade se mantém efetivo no capitalismo global contemporâneo: “Seu intuito é reclamar, demandar a restauração do valor total expropriado das terras do nativo e do corpo do escravo” (SILVA, 2019a, p.87). A autora nos traz a seguinte pergunta: o que se torna pensável no âmbito da ortodoxia estética cuja tese fundamental é a autonomia da arte, quando abordamos argumentos dos trabalhos artísticos que comentam justamente instâncias globais atuais, como por exemplo, questões sociais e ecológicas?

Partimos desta problemática em nossos estudos como exercício de implicação em categoriais de análise a fim de produzir uma leitura de trabalhos artísticos sob um

recorte, em parte apresentado pela artista visual e pesquisadora Mirelle Maria (1990), que opera “memórias de transfiguração”<sup>1</sup>, como uma práxis estruturante de outras epistemologias. Nossa metodologia de pesquisa e de escrita se aproxima da perspectiva de cruzo epistêmico (RUFINO, 2019) e de fabulação (HRTMAN, 2021) para diferir a dimensão política de um pensamento estético-social na materialidade de trabalhos da arte contemporânea, em interlocução com a singular concepção da poética negra feminista.

Na perspectiva desta poética negra feminista, destacamos a opacidade e o emaranhamento como contrapontos ao pensamento estético-político e ao postulado de um sujeito pautado pela transparência em jogo no conhecimento moderno como pura reflexão, independentemente daquilo que é cognoscível. O recorte que apresentamos de trabalhos artísticos atravessa a trajetória de representação na arte e construção subjetiva de artistas como Castiel Vitorino Brasileiro, Nora Chipaumire e Bisa Butler. Por fim, ainda como apresentação de nossa pesquisa, gostaria de vincular nosso trabalho ao fato de que aprendemos com a recusa de narrativas que inventam uma temporalidade linear tendo em vista a sustentação de um futuro perverso já possível de descrever e “que se organiza num desejo de controlar o acaso, a imprevisibilidade [através da racialização e dos gêneros]” (SILVA, 2019a, p. 87). Entendemos também junto/e/mais ainda com a escritora e historiadora estadunidense, Saidiya Hartman, que a recusa de narrativas que reencenam o terror da escravização é um início para a elaboração e/ou/encontro de epistemologias praticadas sob o respeito ao “que não podemos conhecer”. Nos impactou o encontro com o pensamento da autora a respeito das lacunas do arquivo de morte da escravização de pessoas negras durante o traslado atlântico<sup>2</sup>. Diante da impossibilidade de conhecer e da tarefa igualmente impossível de recuperar vidas entrelaçadas com a morte, a recusa de produzir narrativas fetichistas e narcísicas sobre a cena da sujeição, nos tocou como substância do conhecer.

### Poéticas sociopolíticas da relação

Para pensar a experiência dissidente no mundo a partir da luminosidade da luz negra é necessário medir a vida impossível numa hiper-realidade complexa e, em justaposição, realizar leituras multidimensionais daquilo que é lido como o excesso. Para isso é preciso tirar a máscara da realidade cartesiana. Há nessa frase a complexidade de um fractal<sup>3</sup>

---

1 Mirelle Maria é artista visual e pesquisadora, para conhecer: <https://www.mirellamaria.com/>

2 Referimos ao ensaio de Hartman, “Vênus em dois atos”, in *Pensamento negro radical: antologia de ensaios*, 2021.

3 Jota Mombaça e Musa Michelle Mattiuzzi In “Carta à leitora preta do fim dos tempos”, SILVA, 2019a, p. 15.

Numa tarde chuvosa como a de hoje em que escrevo, assistíamos<sup>4</sup> ao videoclipe *Ladies first* de Queen Latifah. Mesmo não afeitas mais aos títulos de nobreza, venerávamos o primeiro álbum da rapper estadunidense, *All Hail the Queen*, de 1989. Uma posição constante de Latifah era sobre a urgência de mulheres no cenário do rapper, além disso, sobre a necessidade de furar um campo estético ocidental reservado ao continente africano, organizado pela oclusão de posições originárias de seu passado e ancestralidade. No videoclipe quando a artista olha para essas mulheres em primeiro lugar, reverencia figuras femininas que, para muitos povos do continente africano, de fato são as bases, pontos de partida, como, por exemplo, Madam C.J. Walker, empreendedora, ativista e primeira mulher a se tornar milionária nos Estados Unidos no ramo da indústria capilar crespa, Sojourner Truth que, dentro da abordagem norte americana é uma das primeiras mulheres a trazer um discurso sobre a condição das mulheres negras. Ângela Davis e Winie Mandela também aparecem como expoentes das bases intelectuais do continente Africano, numa percepção de sociedades em diálogo com uma estrutura feminina. Como demonstra Clenora Hudson-Weems, quando as mulheres são colocadas no centro do pensamento, existe uma aposta na criação de uma fonte histórica e cultural como plataforma para a reivindicação de autonomia e liberdade das mulheres. No entanto, “para as mulheres de cor” o exercício da autonomia não se processa sem conexão com a “integridade racial e cultural da comunidade”.<sup>5</sup>

O coletivo sociocultural reivindicado por Hudson-Weems, como também a narrativa interseccional de Collins<sup>6</sup>, nos indicam modos complexificados de ligação a uma crítica poética que entendo próxima da noção de raça<sup>7</sup> na poética negra feminista, com a intenção de refletir com/e/a partir de poéticas que colocam a negritude em seu centro.

---

4 O uso da terceira pessoa do plural em algumas passagens do texto indica a presença de outras e outros integrantes da pesquisa, dos debates, dos círculos de discussão e leitura desde o projeto de pesquisa intitulado “Transmissibilidades contemporâneas em artes visuais”, sob minha coordenação desde 2020, ao mesmo tempo que indica presenças discentes sempre fundamentais ao longo do meu trabalho docente na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

5 In “Mulherismo Africana: Uma Visão Geral”, Clenora Hudson-Weems, 2018.

6 Destaco o seguinte trecho de Patrícia Hill Collins: “O pensamento feminista negro norte-americano como pensamento especializado reflete os diferenciados temas sobre as experiências das mulheres afro-americanas. Os temas centrais do pensamento feminista negro, como trabalho, família, políticas sexuais, maternidade, e ativismo político estão apoiados em paradigmas que enfatizam a importância de interseccionar opressões moldando a matriz norte-americana de dominação” (COLLINS, 2002).

7 Em nossos estudos também trazemos as leituras de Oyèrónké Oyèwùmí em seu traçado da discussão da categoria de raça como *locus* epistêmico: “Como ponto de partida da investigação, não podemos tomar como dado o que de fato precisamos investigar. Se o gênero predomina tão largamente na vida das mulheres brancas com a exclusão de outros fatores, temos que perguntar: por que gênero? Porque não alguma outra categoria, como raça, por exemplo, que é vista como fundamental por afro-americanas. Porque gênero é socialmente construído, a categoria social “mulher” não é universal, e outras formas de opressão e igualdade estão presentes na sociedade, questões adicionais devem ser feitas: Por que gênero? Em que medida uma análise de gênero revela ou oculta outras formas de opressão? As situações de quais mulheres são bem teorizadas pelos estudos feministas? E de que grupos de mulheres em particular? Até que ponto isso facilita os desejos das mulheres, e seu desejo de entender-se mais claramente?”, in “Conceituando gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas”, 2004.



Denise Ferreira da Silva, provocada por Barbara Christian que, em 1981 se pergunta sobre as bases filosóficas que asseguram o exercício de uma crítica feminista negra, elege o corpo sexual da mulher em sua dupla face de nativa-escrava, como elemento de ativação de uma práxis radical de pensamento. A pergunta de Denise é a respeito da possibilidade de emancipação da “Categoria da Negridade” (SILVA, 2019a, p. 85) dos limites do conhecimento científico e histórico que a conceberam. Seguindo a autora,

como descrever a tarefa? Qual é a intenção da Poética Negra? Seria este um programa ético que, em vez de visar a melhoria do Mundo como o conhecemos, tenha como meta o seu fim? Que tipo de programa radical abordaria simultaneamente as três dimensões do político – isto é, o jurídico, o econômico e o simbólico? (Opt. Cit. p. 86).

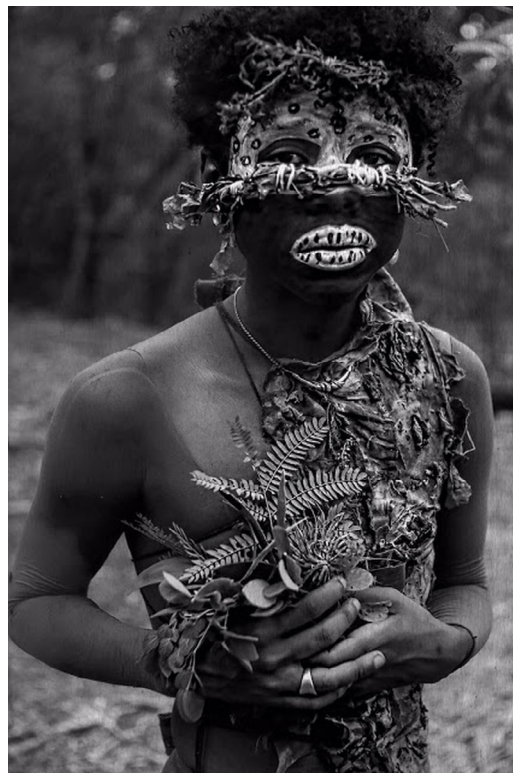
Perguntamos como pensar e criar ferramentas de análise das poéticas junto/e/ mais com a proposta do corpo da mulher negra como significante do excesso. Numa economia capitalista, o que representa o excesso? Não poderíamos pensar no excedente populacional contabilizado desde a Europa da branquidade, nas religiões que as excedem, nas existências de corporalidades despatologizadas, em corpos que excedem as acepções de gênero e raça e sobretudo, nas corporalidades que ficam de fora da economia da satisfação? Imersos nessa dimensão imageada para além dos marcos do mundo como conhecemos, o que pode nos prefigurar como possibilidade para o conhecimento a suspensão do estatuto de um desde-já corpo coisa, um corpo objeto, um corpo-mercadoria? Não tenho a intenção de responder tais perguntas, mas propor um exercício imaginativo. Neste sentido, penso esse corpo imageado no registro da poética negra feminista pelo excesso, justamente uma poética implicada em emancipar a negridade - sua ideia, ontologia e criação biológica de raça -, das conformações científicas e históricas que a criaram<sup>8</sup>, como uma agência, ou seja, uma complexidade aberta por sua potência de sujeito. Essa referência de sujeito é matéria de construção teórica que aciona a imaginação política e em nossos estudos, interessa como episteme.

Se tomarmos o profundo exercício de enfrentamento da intempestividade da forma humana/mais-que-humana em Castiel Vitorino Brasileiro - extremamente ameaçadora ao sujeito da modernidade organizado pela regulação da razão formal e transparente - nos encontramos com os limites da determinabilidade. Castiel opera um corpo implicado no enviesamento em favor de uma qualidade emaranhada entre as noções normativas de natureza e da categoria do humano. Ciente da energia vital transubstanciada, ou relacional nas palavras de Édouard Glissant<sup>9</sup>, a artista ultrapassa

8 “Ou seja, sem tudo que sustenta a trajetória transparente do sujeito da razão universal e seu controle sobre nossa imaginação política” (Opt. Cit. p. 88).

9 Ver Édouard Glissant, *Poéticas da relação*.

os descritores biológicos da corporeidade racializada, seja por seus acoplamentos vegetais e minerais nas fotografias de performance da série *Copo-flor* (2016 – presente), seja no corpo virtualizado da humana-sereia em um nado fluido/contínuo infinito de histórias entrelaçadas no permeio aquoso em *Me faça um pedido* (2020).



**Figura 1.**

Castiel Vitorino Brasileiro,  
série *Corpo-flor*, 2016 - presente.  
Fotografia, Dimensões variadas.  
Acervo da artista.

Fonte. [https://castielvitorinobrasileiro.com/foto\\_corpoflor](https://castielvitorinobrasileiro.com/foto_corpoflor).

Site da artista.

Vejamos com Denise:

O corpo sexual feminino, o descritor de um excesso (em relação à produtividade jurídica, econômica ou simbólica) cósmico, quero dizer infinito (por ser imensurável), abre a possibilidade para uma crítica radical do presente global. Por um lado, como o traço irresolúvel de um Outro desejo, este corpo desestabiliza apropriações imediatas da figura da Mulher. (...) O corpo da mulher negra conserva a possibilidade de um outro desejo. [Esse desejo] continua como guia ainda por ser delineado para uma práxis radical (SILVA, 2019a, p. 76).

O enunciado de Denise nos faz encontrar com a força vital, um excesso porque não pode ser capturada pelo princípio econômico, e ao mesmo tempo é um sempre fora na medida em que não atende os requisitos da racionalidade moderna, a não ser como excedente de humanidade. O corpo da mulher negra escrava é este lugar de excedente, é uma energia não ligada, não ligada como mãe, como ama de leite, como mulher, como amante, como trabalhadora e como guerreira. Entendemos que Denise nos propõe operar uma gira do valor total desta expropriação na direção de sua restauração igualmente total, sem a qual o capital e toda sua rede de preservação não teria o êxito que conhecemos.

Desde fora do Mundo que conhecemos, no qual a Categoria da Negridade existe no/ como pensamento sempre-já um referente da mercadoria, objeto, outro, como um fato mais para além da evidência –, uma Poética [*Poethics*] da Negridade, ou seja, [...] figurada pelo sexual no corpo feminino, seria capaz de anunciar uma variedade de possibilidades para o conhecer, o fazer e o existir (SILVA, 2029a, p.86).

Assim, o prazer é postulado como lugar estético, ou seja, como lugar de direito, no sentido de enunciação do pulsional, um movente epistêmico - o que seria a saída mais radical do lugar de objeto e ao mesmo tempo condição do reencontro com o enigma. Penso que uma possível ação investigativa com essas reflexões experimenta as possibilidades relacionais com a noção de corpo como superfície imagética, o que implica a admissão de um corpo que modifica o espaço conceitual por meio de seus movimentos, sua historicidade e percepções. Nesta visada, a poética negra feminista é uma ferramenta de distinção para o alcance de um mundo implicado (nos termos de Denise). Enxergar com o que se lança da luz negra, operação que emerge da poética negra feminista: é poder ver o que se coloca na região de opacidade. Luz negra, ou a radiação ultravioleta, atua por entre aquelas coisas que ela mesma deixa brilhar. Conforme Denise: “ela tem a capacidade, por exemplo, de transformar no nível do DNA, ou seja, ela reprograma o código genético numa coisa viva que a ela se expõe e provoca o caos na capacidade auto reprodutiva dessa coisa, em nível celular” (SILVA, 2019b, p. 47).

Nora Chipaumire nasceu no sul do continente africano em 1965, ano em que foi decretada a independência da Rodésia do Sul, hoje Zimbábue. Nora transmuta e implica o conhecimento de suas formações acadêmicas em direito e dança além das substancialidades transtemporais e mais/ainda virtuais, naquilo que compreende como conhecimento do corpo africano. Investe em trafegar suas performances em espaços de diretos do corpo e seus modos de acesso, não necessariamente aos direitos institucionais, mas talvez, aos teores que excedem a condição de corpo objeto, corpo gentrificado e genderizado, excedendo relações intra e inter corpos. Seu trabalho fala de um corpo marcado pela etnia e de um corpo feminino que se coloca para além daquele aceito como feminino na sociedade, para discutir os lugares-padrão em que são alocadas as corporeidades africanas. Memória, história e ancestralidade são marcações propostas como deslizamento das marcações consensuais. Há algo de um caráter destrutivo das amarrações espaço-temporais permeando suas performances. Utilizo o significante permeando porque desejo assegurar a proposição de estar diante/e/junto com uma poética de materialidade implicada, formando um meio em que o magnetismo do corpo coreografado, as vestimentas, a cenografia e a narrativa criam um campo qualificado pelo mesmo teor magnético.



**Figura 2.**

Nora Chipaumire, *Portrait of myself as my father* (2014).

Performance. 80 minutos.

Acervo da artista. Fonte: <https://www.companychipaumire.com/films>.

Fotografia: Benjamin Seth Wolf.

Em *Portrait of myself as my father* (2014), Nora performa em uma estrutura de ringue de boxe ao longo de 80 minutos - com mais dois performers - uma série de movimentações a partir de estereótipos do masculino. A estrutura ainda faz com que cada uma das pessoas que performam estejam conectadas por uma faixa que, tanto as mobilizam numa relação de movimentos implicados, quanto parece revelar um caráter estruturante do corpo normatizado masculino. Parece que Nora exhibe as falhas, ou melhor, o compromisso de uma estética<sup>10</sup> sempre sufocada pelo caráter estruturante permeável entre corporeidades implicadas nos efeitos da racialidade como categoria mais que/atrelada ao biológico, sobretudo quando exhibe uma espécie de jogo simbiótico entre apetrechos sociais e de gênero a partir de elementos da cultura masculina.

Tal questionamento nos posiciona em uma região de transformação estética e ética, presentes também no trabalho da artista Michelle Mattiuzzi. A observação atenta de Alexandre Araújo Bispo e Fabiana Lopes em perceber o que está em jogo nos trabalhos de performance de Mattiuzzi, nos indica que “o corpo se apresenta como o veículo que informa suas práticas artísticas, como meio expressivo e máquina de guerra”. Em *Merci beaucoup blanco!/Muito obrigada, branco!* (2012), com a ação de cobrir minuciosamente seu corpo com tinta branca, a artista “desafia a coleção de estereótipos ainda fortemente atrelados ao corpo negro no imaginário brasileiro” (BISPO; LOPES, 2022, p. 200). Aludir à potência da máquina, nos traz ao jogo da noção de espécies companheiras de Donna Haraway e a não predeterminação do “estatuto da espécie como artefato, máquina, paisagem, organismo ou ser humano” (HARAWAY, 2022, p. 231).<sup>11</sup> O problema então está longe de qualquer querela sobre o representar numa análise que mapeia composições e substancialidades artísticas em que o encontro com o/a outro/a acontece. Acreditamos que esteja aqui o material do próprio campo da arte: a afetabilidade, ou seja, a ênfase na relação, sejam relações sociais, mas também entre espécies, historicidades, temporalidades e suportes artísticos.

---

10 Utilizo a palavra estética no texto como um neologismo, na medida em que, assim como para Denise Ferreira da Silva, enfrento o termo associado de modo incontornável com a noção de ética. O mesmo pode ser pensado para a palavra poética na formulação de poética negra feminista.

11 Estamos iniciando estudos com Haraway e não cabe neste espaço trazer mais profundamente seu pensamento, mas a ideia de jogo nos parece que dialoga com topos que percebemos da poética negra feminista. Deixamos aqui uma provocação: “O aberto chama; a próxima proposição especulativa atrai; o mundo não está terminado; a mente-corpo não é um exercício computacional gigante, mas um risco em jogo” (Opt. Cit. P. 324).



Figura 3.  
Bisa Butler, *Quatro garotinhas*, 15 de setembro de 1963.  
Coleção de Michelle e Pete Scantland.  
Fonte: <https://www.bisabutler.com/portfolio>.

Bisa Butler, artista afro-americana nascida em Orange, Nova Jersey, opera com a fabulação nos trazendo histórias, família e memória em seus retratos elaborados por meio da costura de tecidos sobrepostos. Por um lado, constrói uma crítica ao binômio da separabilidade arte/artesanato quando apresenta imagens do cotidiano potencializadas pela memória de produções ancestrais submetidas aos processos de violência simbólica. A utilização do tecido – o algodão – como substância poética implica a expropriação do corpo escravizado na organização colonial de um capitalismo expansionista que converte o trabalho do corpo em capital. Em outra medida, seu trabalho efetua uma temporalidade implicada na virtualidade quando resgata fotografias dos anos de 1920-1960 e as amplia até um tamanho reproduzível para o tecido. O tecido se faz tempo e nos remete ao chamado *antebellum*, o período de terror escravagista anterior à Guerra Civil americana.

O potencial da poética negra feminista, operada pela luz negra, é a quebra de partículas dos fundamentos do moderno, isto é, a separação da forma do moderno pela evidenciação de suas estruturas (código, fórmula, princípio), o que nos faz imaginar a luz negra afluindo em qualquer região do sensível. Apoiadas no fluxo do fazer-tempo no trabalho destas artistas, (as)salta-nos uma questão epistêmica para a conformação de uma crítica estética, na medida em que a noção de interioridade em nossa contemporaneidade - e leia-se subjetividade - é entendida como local para investimento do estado capital. Gostaria de propor, no lugar da interioridade, a ideia de relação como uma instância analítica e o entendimento de que nos constituímos socialmente por aquilo que está em jogo. O campo da arte não é autopoietico, é um modo de convocar parcerias e os parceiros não preexistem ao evento, mas emergem da relação. Não nos fazemos sozinhas.

## Referências

- BISPO, Alexandre Araújo e LOPES, Fabiana. Presenças: a performance negra como corpo político. Dossiê Escritos e re-escritos da arte afro-brasileira. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 28, n. 43, p. 197-205, jan.-jun. 2022. ISSN-2448- 3338. DOI: <https://doi.org/10.37235/ae.n43.12>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/a>
- COLLINS, Patrícia Hill. Capítulo 11: *Black Feminist Epistemology*. In: *Black Feminist Thought. Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment: Taylor & Francis e-Library*, 2002. *Routledge, New York/ London*. Tradução solidária por Heloísa Adegas e Juliana Lopes.
- GLISSANT, Édouard. *Poética da relação*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.
- HARAWAY, Donna. *Quando as espécies se encontram*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- HARTMAN, Saidiya. "Vênus em dois atos" In *Pensamento negro radical/ Hortense Spillers [et al.]*. São Paulo: Crocodilo; São Paulo: n-1 edições, 2021.
- HUDSON-WEEMS, Cleona. *Mulherismo africana: uma visão geral*. 2018. Disponível em: *Mulherismo Africana: Uma Visão Geral - Clenora Hudson-Weems (insurreicaocgpp.blogspot.com)*. Acesso em 20/01/2023.
- MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- RUFINO, Luiz, *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SILVA, Denise Ferreira da. *Homus modernus – para uma ideia global de raça*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.

\_\_\_\_\_. *A dívida impagável*. 1ª Ed. Trad. São Paulo: Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019a.

\_\_\_\_\_. “Em estado bruto”. In Revista ARS 45, ano 17, n. 36, 2019b.

**Como citar:**

OLIVEIRA, Dinah de. Representações da poética negra feminista na arte. *Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA*, São Paulo: CBHA, n. 42, p. 1047-1058, 2022 (2023). ISSN: 2236-0719.

DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.42.084>

Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>